

## Índice

“O casamento merece a pena e merece a vida” .....	1
Michael Sandel: o êxito de um professor que faz pensar .....	2
Rémi Brague: o que necessita a Europa realmente do cristianismo .....	3
“A Lei do Mercado” .....	4

### “O casamento merece a pena e merece a vida”

María Álvarez de las Asturias é coautora do livro [“Una decisión original: Guía para casarse por la Iglesia”](#) (Palabra, 2017). Casada e mãe de quatro filhos, trabalha com casais e famílias na prevenção e resolução das dificuldades da convivência. Dirige o Instituto de orientação pessoal e familiar Coincidir. Responde à “Aceprensa”, a algumas perguntas sobre o namoro e o casamento.

– *Que implicações tem casar-se em relação a outro tipo de uniões?*

– A diferença fundamental é que queremos um projeto de vida comum definitivo, teu e meu. Não é que cada um tenha o seu projeto de vida e concordemos no nosso relacionamento de casal, reservando parte da nossa vida e sem nos darmos inteiramente. O casamento é uma entrega de tudo em todos os aspetos. É criar um projeto de vida em comum que se vai desenvolvendo ao longo dos anos.

Há um nível de confiança e de entrega ao outro muito superior ao de outro tipo de relações de casal. E pede para ser acolhido igualmente com um maior grau de confiança e de amor. O casamento é fechar o círculo de um amor que se dá por inteiro, é recebido por inteiro e é correspondido por inteiro.

Quando digo “por inteiro”, refiro-me ao desejo e à intenção com que se vai para o casamento. Depois, como não somos perfeitos, acolhemos o outro na medida em que temos capa-

cidade de receber e de corresponder, dentro da nossa capacidade de amar. Esta vai crescendo com o tempo, a convivência e as dificuldades. As relações de longo prazo incluem na sua própria natureza os momentos de dificuldade e de crise, porque são essas crises as que nos fazem crescer.

– *Fala de querer o outro por inteiro. Como se pode apaixonar pelo outro com os seus defeitos?*

– Não nos apaixonamos pelos defeitos; apaixonamo-nos pela pessoa. De início, quando nos sentimos atraídos por uma pessoa, só vemos a beleza, aquilo que é bom no outro: se é bonito, simpático, carinhoso, etc. Esse primeiro momento de atração não destaca os defeitos e as coisas mais negativas ou menos positivas. Se a relação fica por aí, é uma relação imatura. Por isso, tem de se seguir um segundo momento – que alguns designam por “desilusão” e que gosto de chamar de “realismo” –, no qual a pessoa se dá conta de que o outro tem todas essas coisas boas que o tornaram atrativo e que, além disso, tem outras coisas menos boas. E, no entanto, a pessoa continua a gostar do outro, porque o vê como uma pessoa que transcende os seus defeitos. Nesse segundo passo pode-se decidir: “Pois sendo assim, não quero”, e estaria bem, pois esta é a lógica do namoro; ou “Sim, quero-te a ti sabendo que tens coisas boas e más como toda a gente”. É bom saber que o outro é imperfeito, porque eu também o sou.

O namoro é um tempo de rodagem. Para que seja real, tem de haver desencontros, zangas, discussões sérias. Nesses momentos de desencontro surgem as coisas que nos custam da parte do outro ou de nós próprios. Se se chega a casar sem que tenha havido desencontros, essa relação não foi real. O namoro é essa época em que se avalia. Se superamos os

desencontros e nos fizerem crescer, e somos capazes de nos ir adaptando um ao outro, aí parece que esta relação faz sentido. Por isso, não podemos saltar etapas.

– *Pode dar-nos alguns conselhos para que um namoro seja uma boa base para o casamento?*

– Tem de se falar muito. O fundamental do namoro é conhecer-se, conhecer o outro e conhecer que tipo de relação queremos para o futuro. Isto exige confiança, poder falar de tudo, procurando o momento oportuno e a forma oportuna. Se há algo que não é possível falar com o outro, porque nos desgosta ou porque nos dá medo, temos um problema. Sinceridade: os dois têm de poder dizer o que querem, o que não querem, o que é importante para os dois. No que estiverem de acordo, tudo bem; no que for impossível, tem de se ver se é possível chegar a acordos ou, pelo menos, respeitar o que para o outro é fundamental. Se existe algo que para o outro é fundamental e eu não posso respeitá-lo, a relação não poderá continuar.

Os dois têm de saber se querem ou não um projeto de vida para sempre, se querem um projeto aberto aos filhos, como querem conciliar a vida familiar e laboral, como vão gerir as relações com as duas famílias, etc. Com isto pode-se escolher que tipo de projeto de vida se quer, sem dar por adquirido que quando se diz “casamento” os dois pensam a mesma coisa. Hoje em dia a palavra “casamento” tem um conteúdo diferente consoante quem o afirma; tem de se esclarecer o que entende cada um por casamento.

– *Um casal decide contrair matrimónio e afirmam que vão querer-se mutuamente para sempre. Como é isso possível, se não se sabe o que se vai passar amanhã?*

– Querer alguém é arriscar-se. Não se pode controlar tudo; aquilo que se pode dizer é: “Quero querer-te”. E é possível dizer todos os dias: “Vou querer-te amanhã”, e confiar que há Alguém acima de nós que pode tornar realidade esse desejo que se tem no coração: querer o outro para sempre, mesmo que nos dê alguma vertigem.

De qualquer forma, a vontade de estarem juntos é muito poderosa para construir uma vida. Li há pouco tempo Gregorio Luri, que afirma: “O mais importante é que os nossos filhos vejam que nos queremos mutuamente também quando estamos com problemas mútuos”. O amor leva a pessoa a querer o outro acima das suas virtudes e defeitos. E também ao longo da vida matrimonial existem inúmeras coisas muito boas que vão reafirmando a união. Somos muito pessimistas e não valorizamos todas as coisas boas que tem a vida matrimonial. Fixamo-nos demasiado nas dificuldades e nas crises, e esquecemo-nos do bom que é poder partilhar a vida com a pessoa da qual se gosta.

Existem enormes alegrias na vida matrimonial; não é a travessia do deserto. É ir juntos por um caminho, com a pessoa que se ama e que nos ama, e com a qual se pode partilhar e desfrutar de todas as coisas boas. Além disso, as

coisas más encaram-se melhor com alguém que gosta de nós e que nos apoia.

– *Hoje em dia as pessoas falam com pânico da rotina...*

– A rotina é fundamental. Viver na surpresa permanente é viver na insegurança permanente. A rotina oferece segurança e tranquilidade, e sobre isto podem-se colocar as coisas extraordinárias. As coisas boas apoiam-se muito melhor sobre esta base estável, e as coisas más não desestabilizam tanto a relação.

Termino com uma mensagem de esperança: o casamento é um caminho de amor e de felicidade. Merece a pena e merece a vida, é possível e gostar um do outro assim é muito bom.

C. C.

## Michael Sandel: o êxito de um professor que faz pensar

Michael Sandel (Minneapolis, 1953) foi galardoado com o Prémio Princesa das Astúrias de Ciências Sociais. Sandel é um professor de sucesso, um defensor do [comunitarismo político](#) e um dos grandes protagonistas do debate público em questões éticas ligadas à economia e ao direito.

Desenvolveu a sua carreira profissional como docente em Harvard, onde foi o principal crítico da teoria da justiça e do véu da ignorância do muito famoso John Rawls. Nos anos 80, começou a dar uma cadeira sobre a justiça e com os anos ela converteu-se na mais popular dessa universidade. As aulas estão disponíveis na Internet e constituem o MOOC (Massive Open Online Course) de maior audiência até hoje. As suas lições partem da discussão de exemplos concretos e através do diálogo socrático com os estudantes chega com rapidez à raiz das questões que estão em jogo.

O manual da sua cadeira de [Justiça](#) também está publicado, e não é um manual para usar, mas um livro de Filosofia de divulgação, claro e profundo, que se lê com agrado apesar de ser extenso. Começa aplicando a diferentes questões as categorias utilitaristas com as quais hoje em dia costumam julgar-se muitos temas morais, conseguindo mostrar como esta perspetiva é claramente individualista e insuficiente. Sandel conhece os pontos fracos do utilitarismo, como se pôde ver na [parte final de um debate](#) com Peter Singer.

A segunda parte de *Justiça* aborda a ética kantiana, pois constitui uma tentativa de encontrar normas morais universais

que nos afastem das abordagens pragmatistas. E novamente aqui a maestria dos exemplos mostra claramente a insuficiência da ética do dever. No entanto, o mais surpreendente da proposta de Sandel chega na parte final, na qual propõe um regresso às categorias aristotélicas – concretamente, à ética da virtude – como a única via sensata para entender o ser humano e as suas ações.

Nas outras obras de Sandel também se abordam questões muito controversas, desde a fecundação *in vitro*, a prostituição ou o serviço militar obrigatório, até à maternidade de substituição ou a venda de órgãos. Como bom professor da escola socrática, Sandel não defende a sua posição de modo explícito em cada debate. Em vez disso, procura mostrar as debilidades das argumentações, tanto a favor como contra. Ora, se se ler as suas obras com cuidado, descobre-se que é um pensador fino e inteligente, que não se deixa levar pelas modas do politicamente correto. E embora seja verdade que nem sempre diz tudo o que pensa, deixa perceber claramente que em muitas destas questões não parece que as sociedades modernas tenham tomado decisões políticas e sociais sensatas.

Aquilo que Sandel denunciou sempre com clareza é que o debate público sobre temas morais relevantes é muitas vezes superficial ou inexistente. Por exemplo, na sua obra "[Public Philosophy](#)", analisa como foi aprovada nos EUA a legislação que tolerava os preservativos, o aborto ou o casamento homossexual. Ao longo dessa compilação de artigos mostra como o autêntico debate sobre estas questões quase não existiu, pelo que a qualidade da democracia se ressentiu. E o problema continua a estar presente agora nas sociedades ocidentais.

Sandel foi membro do Comité Assessor de Bioética do presidente dos EUA, o que lhe permitiu acompanhar de perto os debates sobre questões relativas à melhoria humana e à engenharia genética. Fruto desses anos de trabalho é o livro "[The Case Against Perfection](#)", onde aborda muitas das questões relacionadas com o que hoje em dia se conhece como trans-humanismo. Na minha opinião, é um livro imprescindível, pois poucas obras defendem com tanta eficácia e clareza a dignidade humana e, além disso, sem necessidade de recorrer a argumentos ligados a concepções religiosas. Neste sentido, a sua explicação do que denomina a "lógica do dom" contra a "lógica do domínio", ou a distinção entre a medicina que procura curar e a que procura melhorar as capacidades humanas constituem contribuições muito lúcidas para os debates atuais.

Ora, entre tantas ideias sugestivas surpreende muito o epílogo da obra, no qual defende que os embriões não são seres humanos. Sublinho o paradoxo disso, pois sendo um pensador bastante subtil, os seus argumentos sobre este assunto são muito débeis.

Sandel é um pensador difícil de classificar. Não se torna fácil saber quais são as suas convicções pessoais. Ele não se posiciona como crente, e nas suas obras está ausente a

transcendência. Mas defende o papel da religião na vida pública, mostrando que é necessário e positivo que as pessoas religiosas exponham as suas convicções na esfera pública.

Do pensamento de Sandel também se podem retirar interessantes avaliações sobre o capitalismo, como as que efetua na sua obra, "[What Money Can't Buy](#)". Não se trata de críticas simplistas ao mercado livre nem reivindicações de intervencionismo estatal, mas a denúncia de como muitos aspetos da vida humana que estavam fora do mercado começam a ser objeto de compra e venda quando não deveriam sê-lo. Por exemplo, casos como a maternidade de substituição, o desenho genético das características dos seres humanos ou o fazer pagar às crianças por lerem livros.

A concessão do Prémio Princesa das Astúrias a Sandel constitui boa ocasião para uma aproximação às suas ideias, sabendo que embora não se esteja de acordo com tudo, a maioria das suas posições são um foco de luz bastante positivo para dialogar com muitas ideias contemporâneas controversas.

J. G. H.

## Rémi Brague: o que necessita a Europa realmente do cristianismo

O que pode trazer à Europa o cristianismo? Rémi Brague, historiador da Filosofia e autor de importantes ensaios sobre o cristianismo e Europa, apresentou uma resposta original no ato de investidura como doutor *honoris causa* pela Universidade Pontifícia João Paulo II de Cracóvia. O diário digital "Tempi" (3.4.2018) publicou uma ampla [tradução](#) para italiano do discurso que pronunciou.

Hoje rejeita-se o papel do cristianismo na moderna construção da Europa, porque "a contribuição cristã se limita à Idade Média", defendem os herdeiros mais radicais do Iluminismo. Para eles, "a Europa substitui a 'cristandade', duas concepções não só diferentes, como opostas". Segundo outra versão, mais moderada, da mesma posição, o cristianismo cumpriu com efeito uma missão na história da Europa, mas agora já não tem nenhuma relevante.

A pergunta "o que tem que ver a Europa com o cristianismo?" pode ser entendida de duas maneiras: "qual é a relação entre a cultura europeia e a religião cristã?"; "o que pode fazer a Europa com o cristianismo, para o quê lhe pode ele servir?"

O cristianismo foi no passado um fator cultural: Brague não acha necessário enumerar “uma lista das suas influências na cultura europeia”. E, por outro lado, salienta que “do ser não deriva nenhuma necessidade de ser. Além disso, poder-se-ia dizer também que o que ocorreu impediu o que não ocorreu, ou mesmo o reprimiu violentamente. O que não ocorreu transforma-se num sonho, mais belo do que a realidade”, como descreveu Nietzsche numa longa passagem de “O Anticristo”.

Brague expõe brevemente como o cristianismo catalisou na altura o nascimento dos países europeus. “A fusão dos habitantes romanizados do Império com os imigrantes ‘bárbaros’ aconteceu através da participação numa única fé: os recém-chegados adotaram a religião dos conquistados”. Este papel foi cumprido por outra religião, como o islamismo nas regiões do mundo que conquistou. Mas o cristianismo como tal desencadeou dois movimentos de longo alcance, constitutivos da Europa.

Primeiro, “tornou possível a separação entre o nacional e o religioso”: assim, “a Europa é como um coro político onde cada país tem a sua própria voz, porque fala a sua própria língua (...); cada cultura tem a mesma dignidade; cada povo está à mesma distância de Deus”.

Segundo, “o cristianismo permitiu a apropriação da herança clássica”, respeitando a alteridade desse património: “aplicou ao âmbito da cultura profana o modelo da sua relação com o Antigo Testamento e, conseqüentemente, facilitou essa longa série de Renascimentos que imprimiram a sua marca na história cultural europeia”.

“Para que pode servir o cristianismo hoje à Europa?”, interroga-se Brague. Antes de tudo, a imitação de Cristo exige servir o homem, embora “serviço não seja servilismo”. “O cristianismo não pretende trazer novos conteúdos à cultura, mas dar-lhe uma perspetiva. A revolução cristã é fenomenológica. Consiste em tornar visível o que era antes invisível. Lança uma nova luz (...), pela qual a totalidade do já presente se torna visível”. Brague refere como fonte desta afirmação Santo Irineu de Lyon: escreveu que Cristo não trouxe nada de novo, mas renovou todas as coisas ao incorporá-las a si próprio.

“O cristianismo não inventa nenhum mandamento novo. Os Dez Mandamentos permanecem”. Talvez não estejam numa lista tão clara como a Bíblia, mas “aparecem em todas as culturas”. “O problema não é o conhecimento da lei moral, mas a sua aplicação: a quem deve aplicar-se o Decálogo? Faz falta ter olhos para o ver. O cristianismo abre-os. Não é suficiente saber que tenho de amar o próximo. A pergunta do doutor da lei a Jesus está justificada: quem é o meu próximo? (Lc 10, 29). Quem é o homem? A quem há que considerar como homem e a quem não? (...) O cristianismo fez com que certas categorias de homens sejam visíveis na sua humanidade”. Concretamente, “fez-nos ver a criança, o feto, o escravo, a mulher, como seres humanos por direito próprio”.

“Os teólogos falam dos ‘olhos da fé’. A fé permite ver. Não significa que faça ver algo diferente da realidade: o objeto da fé é a verdade. O cristianismo vê a realização suprema do humano em Cristo, e em Cristo crucificado. No corpo de Jesus suspenso da cruz, e também no seu corpo morto, a presença de Deus no humano alcança a sua plenitude, não pelo sofrimento, mas pelo amor com o qual se aceita o sofrimento. Significa que toda a vida humana tem uma dignidade intrínseca”.

Depois desta digressão, regressa à pergunta: o que tem a dizer o cristianismo à Europa? “Nada de novo. Nada que o homem não tenha sabido ou não tenha tido que saber desde há muito tempo. Só há uma coisa que o cristianismo tem a possibilidade e o dever de ensinar aos europeus de hoje: ver o humano mesmo onde outros apenas veem o biológico para selecionar, o económico para explorar, o político para manipular”...

Brague termina a sua intervenção expressando a lição que oferece uma cena do nártex da basílica de Vézelay, na Borgonha, que representa a missão dos apóstolos em diversos povos da terra, alguns apenas existentes na imaginação dos geógrafos da Antiguidade. “Deus faz do homem uma representação mais ampla de si mesmo do que os próprios homens. A antropologia divina é mais inventiva do que a antropologia humana. Deus dirige ao homem um olhar mais positivo e otimista do que o que o homem lança sobre si. Por conseguinte, Deus tem mais ambição para o homem do que o homem para si mesmo. Haverá Europa enquanto a ambição humana for iluminada pelo fogo da ambição divina”.

## “A Lei do Mercado”

“La Loi du Marché”

Realizador: Stéphane Brizé

Atores: Vincent Lindon; Karine de Mirbeck

Duração: 90 min.

Ano: 2015

Nesta época de crise económica são bastantes os filmes que retratam de modo cru e realista a questão do desemprego. É uma tragédia que afeta não só o próprio ex-empregado, como todos os que estão à sua volta e também de algum modo os responsáveis empresariais que demonstram como as suas políticas fracassaram...

O filme começa num Centro de Emprego com um trabalhador a protestar contra a burocracia ineficaz que o faz tomar medidas que depois não possuem aplicação prática. Vários ensinamentos teóricos aprendidos nas faculdades são des-

mentidos logo pela realidade. É difícil não desesperar mas a tenacidade leva-o a descobrir uma solução, ao encontrar emprego como segurança numa "grande superfície comercial". A sua integração com os outros trabalhadores é boa, mas sente-se que a relação com as chefias é distante, "de fachada", o que vai levar vários colegas seus a não cumprirem as regras laborais. Ele sente a injustiça da situação, mas não há canais de diálogo para se fazer a ponte entre uns e outros. Revoltado, abandona o emprego. É o seu grito de alerta... e será no seio familiar que encontra o apoio decisivo para continuar a lutar por uma vida melhor para si e para os outros...

#### Tópicos de análise:

1. Um líder conhece as necessidades reais dos seus colaboradores.
2. A excessiva burocracia mata a iniciativa.
3. A estrutura familiar é a base de apoio de qualquer pessoa.

#### [Hiperligação](#)

Paulo Miguel Martins  
Professor da AESE

